

NA ESCOLA DE *Garabandal*



A CRIAÇÃO QUE GEME E A SEMENTE QUE ESPERA: GARABANDAL À LUZ DO XV DOMINGO DO TEMPO COMUM

Veni + PAX

Ave Maria, Regina Pacis

A liturgia do XV Domingo do Tempo Comum oferece uma das mais belas sínteses da esperança cristã. Na segunda leitura (Rm 8,18-23), São Paulo contempla toda a criação como participante da história da salvação: um universo que geme, sofre e espera a manifestação dos filhos de Deus. No Evangelho (Mt 13,1-23), Jesus apresenta a parábola do semeador, revelando que a fecundidade da Palavra não depende da perfeição da semente, mas da disposição do coração que a acolhe. Essas duas passagens, quando lidas conjuntamente, permitem uma profunda reflexão sobre a atualidade espiritual das Mensagens de Nossa Senhora em Garabandal. Não porque Garabandal acrescente algo ao depósito da fé, uma vez que a Revelação pública foi definitivamente concluída em Jesus Cristo, conforme ensina o Concílio Vaticano II (Dei Verbum, n. 4) e recorda o Catecismo da Igreja Católica (n. 67), mas porque, como toda autêntica revelação privada, seu eventual valor espiritual consiste em conduzir os fiéis a viverem mais intensamente o Evangelho. Como escreveu o então Cardeal Joseph Ratzinger no Comentário Teológico à Mensagem de Fátima, "a função da revelação privada não é melhorar ou completar a Revelação definitiva de Cristo, mas ajudar a vivê-la mais plenamente numa determinada época da história". Sob essa perspectiva eclesial, Garabandal

apresenta-se como um insistente apelo à conversão, à vida sacramental, à centralidade da Eucaristia e à esperança escatológica.

A leitura paulina apresenta uma das mais elevadas visões cosmológicas do Novo Testamento. O Apóstolo afirma que "os sofrimentos do tempo presente não têm proporção alguma com a glória futura que será revelada em nós" (Rm 8,18) e acrescenta que "a criação inteira geme e sofre como em dores de parto" (Rm 8,22). Trata-se de uma imagem profundamente teológica. São Paulo não descreve apenas os sofrimentos humanos, mas apresenta toda a ordem criada como marcada pelas consequências do pecado e, ao mesmo tempo, orientada para uma futura restauração em Cristo. A criação aguarda ansiosamente a manifestação dos filhos de Deus porque existe uma íntima solidariedade entre o homem e o cosmos. O pecado do homem desfigura a harmonia da criação; a santidade, ao contrário, antecipa a restauração definitiva de todas as coisas. Os Padres da Igreja, especialmente Santo Irineu de Lião e São Máximo, o Confessor, compreenderam esse texto como expressão da vocação sacerdotal do homem dentro da criação: ao viver reconciliado com Deus, ele conduz consigo toda a realidade criada ao seu verdadeiro destino. A esperança cristã, portanto, não é individualista; possui dimensão cósmica, e essa dimensão é particularmente iluminadora para compreender o conteúdo espiritual de Garabandal.

As Mensagens de Nossa Senhora em Garabandal dirigem-se precisamente ao drama espiritual que impede essa manifestação dos filhos de Deus. A primeira mensagem, confiada às videntes em 18 de outubro de 1961, possui uma simplicidade evangélica que impressiona justamente por sua profundidade: "É preciso fazer muitos sacrifícios, muita penitência; visitar frequentemente o Santíssimo Sacramento. Mas, antes de tudo, devemos ser muito bons." Não há qualquer novidade doutrinal nessas palavras. Pelo contrário, encontramos nelas uma síntese admirável da espiritualidade católica: penitência, vida eucarística, conversão moral e caridade. Nossa Senhora não apresenta um caminho extraordinário reservado a poucos privilegiados, mas recorda os elementos essenciais da vida cristã. É significativo que o centro da mensagem não seja um acontecimento futuro nem um fenômeno sobrenatural, mas a transformação do coração humano. Essa perspectiva coincide plenamente com a visão paulina. Se a criação sofre em consequência do pecado, a resposta de Deus não consiste primariamente em modificar as circunstâncias exteriores da história, mas em suscitar homens e mulheres verdadeiramente convertidos. A esperança da criação passa pela santidade dos filhos de Deus.

Essa mesma dinâmica aparece de forma admirável na parábola do semeador. Jesus não concentra sua atenção na qualidade da semente, pois ela é sempre perfeita; a Palavra de Deus é viva,

eficaz e fecunda em si mesma. O drama encontra-se na diversidade dos terrenos. Alguns corações permanecem endurecidos, incapazes de acolher a Palavra; outros a recebem superficialmente, sem permitir que crie raízes; outros ainda deixam que os espinhos das preocupações, das riquezas e dos prazeres do mundo sufoquem lentamente a graça recebida. Apenas a boa terra produz fruto abundante. A pedagogia espiritual de Garabandal pode ser compreendida exatamente à luz dessa parábola. Nossa Senhora não veio comunicar uma nova doutrina nem satisfazer curiosidades acerca do futuro; veio preparar o terreno dos corações para que a Palavra de Deus encontrasse espaço onde pudesse germinar. O verdadeiro protagonista das aparições nunca é o extraordinário, mas a conversão. A própria Conchita González repetiria muitas vezes, ao longo de sua vida, uma afirmação que resume toda a espiritualidade de Garabandal: "A Santíssima Virgem veio para aproximar-nos de Deus." Essa declaração possui enorme importância teológica. Ela afasta interpretações sensacionalistas e recoloca o fenômeno dentro da autêntica espiritualidade mariana da Igreja. Maria jamais atrai para si; toda a sua missão consiste em conduzir a Cristo, conforme já manifesta o Evangelho nas bodas de Caná: "Fazei tudo o que Ele vos disser" (Jo 2,5).

A segunda mensagem, transmitida em 18 de junho de 1965 por intermédio do Arcanjo São Miguel, aprofunda dramaticamente esse chamado à conversão. Nossa Senhora afirma: "Como não se cumpriu e não se deu a conhecer ao mundo minha mensagem de 18 de outubro, digo-vos que esta é a última. Antes a taça estava enchendo; agora está transbordando. Muitos cardeais, muitos bispos e muitos sacerdotes caminham pela estrada da perdição e levam consigo muitas almas. Dá-se cada vez menos importância à Eucaristia. Devemos evitar a ira de Deus por meio de nossos esforços. Se Lhe pedirdes perdão com alma sincera, Ele vos perdoará. Eu, vossa Mãe, por intercessão do Arcanjo São Miguel, quero dizer-vos que vos emendeis. Já estais sendo advertidos pela última vez." Trata-se de uma mensagem cuja linguagem deve ser interpretada segundo a tradição profética da Sagrada Escritura. Como nos grandes profetas do Antigo Testamento, a advertência não pretende anunciar fatalisticamente uma condenação inevitável, mas provocar a conversão antes que seja tarde. A justiça divina jamais aparece separada da misericórdia. A finalidade da advertência é sempre a salvação. Conchita insistiu diversas vezes nesse aspecto, afirmando: "Deus não quer castigar; quer que nos convertamos." Essa interpretação corresponde exatamente à pedagogia divina revelada em toda a Bíblia. Deus adverte porque ama; corrige porque deseja salvar.

A centralidade da Eucaristia constitui talvez um dos aspectos mais característicos das Mensagens de Garabandal. A primeira mensagem recomenda explicitamente a visita frequente ao Santíssimo Sacramento; a segunda lamenta que "dá-se cada vez menos importância à Eucaristia". Não é difícil perceber a atualidade dessas palavras numa época marcada por crescente secularização,

perda do sentido do sagrado e enfraquecimento da prática sacramental. Toda autêntica espiritualidade mariana conduz inevitavelmente ao mistério eucarístico. São João Paulo II recordava, na encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, que Maria é "Mulher Eucarística" por excelência, pois toda sua existência foi configurada ao mistério da Encarnação e da oferta de Cristo (cf. *Ecclesia de Eucharistia*, n. 53). Em Garabandal, Maria não pede novas devoções em substituição aos sacramentos; ela chama insistentemente os fiéis ao centro da vida da Igreja. Isso demonstra a profunda consonância entre as mensagens e a espiritualidade católica tradicional. A boa terra da parábola do semeador é precisamente aquela que se alimenta continuamente da Palavra e do Corpo de Cristo.

Outro elemento recorrente nos testemunhos de Conchita é a insistência da Virgem na oração. Em diversas ocasiões ela declarou simplesmente: "A Virgem sempre nos recomendava rezar muito." Essa aparente simplicidade encerra uma profunda sabedoria espiritual. O terreno que produz fruto é um coração cultivado pela oração perseverante. Sem vida interior, a Palavra permanece superficial; sem intimidade com Deus, os espinhos das preocupações mundanas acabam sufocando a graça. A oração, nesse sentido, não constitui apenas uma prática devocional, mas o ambiente vital no qual a Palavra cria raízes profundas. A tradição espiritual da Igreja sempre ensinou essa íntima relação entre oração, conversão e perseverança. Santa Teresa de Jesus afirmava que quem persevera na oração jamais deixará de encontrar o Senhor; São João da Cruz ensinava que Deus comunica sua vida precisamente no silêncio da contemplação. Garabandal permanece inteiramente inserida nessa tradição.

À luz da segunda leitura, percebe-se ainda que a esperança ocupa um lugar central tanto em São Paulo quanto nas Mensagens de Garabandal. O Apóstolo fala de uma criação que sofre, mas que sofre "como em dores de parto", isto é, não em agonia estéril, mas na expectativa de um nascimento. Também Garabandal deve ser compreendida dentro dessa lógica da esperança. Mesmo quando menciona futuros acontecimentos extraordinários, tudo é orientado para a misericórdia divina e para a conversão dos pecadores. Conchita repetia frequentemente que a Virgem demonstrava grande tristeza ao contemplar a distância entre Deus e os homens, mas essa tristeza jamais era desespero; era a tristeza própria de uma Mãe que continua esperando o retorno dos filhos. Assim como o semeador continua lançando a semente apesar das perdas inevitáveis, também Maria continua chamando incessantemente à conversão, sem jamais violentar a liberdade humana. A graça propõe; nunca impõe. O coração permanece livre para acolher ou rejeitar a Palavra.

Por isso, a verdadeira chave hermenêutica de Garabandal não consiste na busca de sinais extraordinários, de datas ou de especulações sobre acontecimentos futuros, mas na conversão concreta da vida. A parábola do sementeiro desloca o olhar do fiel do terreno das curiosidades para o terreno da responsabilidade pessoal. A pergunta decisiva não é quando ocorrerão determinados acontecimentos, mas que tipo de solo constitui hoje o nosso coração. Essa foi, em última análise, a preocupação constante de Nossa Senhora. Ela nunca pediu que as pessoas vivessem fascinadas pelos prodígios; pediu que vivessem reconciliadas com Deus mediante a Confissão frequente, a participação fervorosa na Eucaristia, a oração diária, a penitência e a caridade. Tudo isso coincide perfeitamente com aquilo que a Igreja sempre propôs como caminho ordinário de santificação.

Dessa forma, a liturgia deste XV Domingo ilumina admiravelmente o sentido espiritual de Garabandal. Enquanto São Paulo contempla uma criação inteira esperando a manifestação dos filhos de Deus, Jesus explica que essa manifestação depende da fecundidade da Palavra acolhida em corações dóceis. Maria, por sua vez, aparece em Garabandal como aquela que continua acompanhando maternalmente a missão do divino Sementeiro. Ela não semeia outra palavra, não inaugura outro Evangelho, nem oferece outro caminho de salvação. Como Mãe da Igreja, limita-se a recordar, com ternura e firmeza, aquilo que seu Filho continua dizendo a cada geração: converter-se, acreditar no Evangelho, viver os sacramentos, permanecer em oração e produzir frutos dignos de conversão. Assim compreendidas, as Mensagens de Garabandal não desviam a atenção do mistério de Cristo, mas conduzem o fiel ao coração da vida cristã. São um apelo a que cada batizado se torne, pela graça, essa "boa terra" de que fala o Evangelho, para que, produzindo frutos de santidade, contribua para abreviar o gemido da criação e antecipe, já na história, a glória futura que Deus prometeu aos seus filhos.

Da pequena Cidade de Maria, com orações e minha bênção sacerdotal +

Pe. Viana